

## **Das Cruzes e das Igrejinhas: Olhares Sobre as Insígnias da Morte e os Espaços do Morto às Margens da Estrada**

OLINDINA TICIANE SOUSA DE ARAÚJO\*<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente texto tem por finalidade abordar discussões sobre o medo e as representações da morte, pensando os espaços do morto e as alegorias fúnebres que se configuraram ao longo dos tempos nas sociedades modernas, como as cruzes e igrejinhas construídas nos percursos de muitas estradas do interior do país. Vale salientar que o entendimento acerca da morte, as maneiras de morrer e representá-la assumiram discursos antagônicos, com visões multifacetadas, cartografadas em espacialidades e temporalidades que por ventura os sujeitos se encontraram condenados a “certeza” do morrer. A necessidade de refletir sobre as práticas fúnebres, as territorialidades a qual a morte se delimita são importantes às discussões atuais, seja no âmbito da historiografia ou antropologia, por exemplo, pois tais lugares se edificam como manifestações culturais e simbólicas representadas, na maioria dos casos, de maneira coletiva e que passam a expressar os usos e costumes responsáveis por identificá-los e constituir as múltiplas identidades sócio-histórico-culturais. Caminhando pelas trilhas, principalmente, da Nova História Cultural, este trabalho dialoga com o projeto de monografia em andamento e passa a ser norteado pelos referências teóricos e estudos de Michel Vovelle; Jean Delumeau; Philippe Ariès; João José Reis; Roger Chartier, dentre outros.

**Palavras-chave:** Igrejinha. Morte. Medo.

### **Introdução**

Na luta incessante por continuar vivo, o mundo ocidental, edificado sobre uma sociedade interessada em inovações tecnológicas, consumo e progresso, nos últimos tempos levou o ser humano a tratar com certa indiferença as questões sobre da morte. Talvez se nota

---

\*Graduanda em História Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I-Campina Grande-PB. Aluna pesquisadora e bolsista do PIBIC com o subprojeto *As maneiras de Morar nas obras de José Lins do Rego: a sexualidade na casa-grande através da literatura do ciclo da cana-de-açúcar*, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Maria do Socorro Cipriano.

cada vez mais uma não preocupação ou cuidados para com a “boa morte”, como outrora se fez. Parece que as pessoas ocidentais tentam incessantemente rejeitá-la o máximo possível e nem pensar na existência da morte, pois agora ela é solitária, particular, silenciada e experimentada em leitos dos hospitais.

A proposta deste texto é discutir sobre as manifestações religiosas e culturais diante dos ritos rituais de passagem da morte e dos corpos mortos, buscando entender as representações da morte, também atrelado ao medo de morrer, ao longo dos anos, neste movimento de estabelecer (des)conexões e leituras das práticas identificáveis dos últimos séculos, tendo uma atenção particular as cruzes e igrejinhas construídas às margens das estradas do país, em especial no interior das BRs federais e estaduais.

De maneira abrangente, a finalidade do texto condiz à possibilidade de pensarmos as maneiras de representar o morrer e edificar os monumentos de memória da morte e do morto, por mais ressignificadas que estejam ou passa estar às práticas funerárias e os comportamentos diante da morte, nas múltiplas territorialidades e espacialidades onde os sujeitos atuam, transformam e registram suas concepções.

Ao específico, é de nosso interesse maior refletir sobre a prática de construir cruzes e igrejinhas (capelinhas) à beira de estradas, estabelecendo entendimentos acerca do simbólico, do cultural e das relações envolvidas nessas tradições populares que, quer queira ou não, continuam vivas sobre muitas circunstâncias.

Ainda sobre o texto, o mesmo está estruturado por discussões pontuadas e algumas subdivisões para promover o melhor desenvolvimento das problematizações. Os pontos que se sucedem são: *O medo da Morte e a Morte do “outro”*; *Preparativas para uma “Boa Morte”*; *Os Espaços dos Mortos entre Vivos*; *Das C+R+U+Z+E+S e das Igrejinhas nas Estradas da Morte*; *Os olhares na (in)visibilidade da Morte nas Estradas e De pau e pedra: velas, flores e rezas*.

Sendo assim, na oportunidade de dialogar com referências significativas, é comum vermos no corpo do presente texto as contribuições de Philippe Airès, Michael Vovelle, Jean

Delumeau, João José Reis, Júlio Chiavenato, Maura Regina Petruski, dentre outros. Metodologicamente, nos apropriamos das leituras de três blogs que apresentaram opiniões e impressões sobre as cruzeiras e igrejinhas nas beiras de estradas espalhadas pelo Brasil e coletamos essas mesmas concepções para discutimos acerca das impressões, entendimentos, medos, indiferenças e modos de enxergar a morte e o morrer a partir dessas escritas sociabilizadas na internet.

### **O medo da Morte e a Morte do “outro”**

Ao longo das mudanças culturais ocorridas em muitas sociedades, pôde-se notar que o medo da morte se fez a partir dos discursos provenientes de superstições e misticismos religiosos, construídos e incorporados entre os sujeitos, cujas finalidades se deleitaram no controle de ações e pensamentos que iriam de encontro as condições impostas pelas instituições de poder.

No decorrer do século XIX, mulheres e homens começaram a contornar novas formas de enxergar a morte e passaram a introduzir novos sentidos a mesma, pois as maneiras de lidar com os corpos mortos de seus semelhantes mudaram em alguns aspectos. Segundo Reis (1997, p. 96) “o tema se liga a uma das preocupações maiores de homens e mulheres daquele tempo, a preocupação com a boa morte”.

A estas preocupações estavam relacionados às inquietações referentes ao tipo de morte desejada, que fosse mais rápida e menos sofrida se melhor conferisse a situação, os locais ideais de sepultamento, os rituais necessários, as relações entre mortos e vivos e o que se devia esperar do mundo dos espíritos, partindo da ideia de imortalidade da alma. Todas essas discussões e outras se fizeram se realizar ao longo dos tempos, por diferentes sociedades a partir do século XIX, quando a morte assumiu novas configurações nos territórios dos vivos.

O medo da morte se tornou mais presente entre as pessoas quando os indivíduos passaram a vivenciá-la como experiência, pois, se compreende que em vida apenas se pode vivenciar e estabelecer leituras acerca da morte do outro próximo a si ou distante, em termos

de interesse ou familiaridade com a temática, por intermédio das observações possíveis. Assim:

*O que temos é a experiência da morte e não a experiência pessoal da nossa morte. A consciência ou experiência da morte pessoal inexistente e é diferente da consciência ou experiência do morrer- o morrer pode ser vivenciado, mas não a morte: com a morte e o fim da vivência do morrer, perdemos a consciência real, portanto da própria morte. (CHIAVENATO, 1998, p.105).*

Em situações atuais, ainda se pode afirmar que este medo da morte persiste na humana como o temor central em vida, pois mudaram as formas de temê-la, mas esse medo continua a existir entre os temerosos, por mais distintas vias de acessos perceptíveis. Na possibilidade de se pensar o medo e a morte, Jean Delumeau esclarece que:

*O animal não antecipa sua morte. O homem, ao contrário, sabe-muito de cedo- que morrerá. (...) No entanto, o medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte. (DELUMEAU, 1989, p.19).*

Para muitas comunidades a morte não era vista como a finitude do existir, mas como um estágio de passagem de uma vida terrena, circunstancial, para um mundo espiritual, podendo está sujeito a encarar o júbilo. Portanto, para Ariès (2003, p.65),

*(...) a morte é (...) cada vez mais acentuadamente considerada como uma transgressão que arrebatava o homem de sua vida cotidiana, de sua sociedade racional, de seu trabalho monótono, para submetê-lo a um paroxismo e lançá-lo, então, em um mundo irracional, violento e cruel. Como o ato sexual para o Marquês de Sade, a morte é uma ruptura.*

Se no século XIX, a morte e as maneiras de morrer são ressignificadas, principalmente entre os católicos, logo o ser humano sentiu, talvez inconscientemente, a necessidade de assumir comportamentos outros diante da morte e também diante do tratamento com o corpo do morto.

As mudanças poderiam ser observadas em cada região, seja pela diminuição de cumprimento de rituais fúnebres (missas, pedidos de intercessões de santos e rituais no pré e pós-morte) ou pela permanência de práticas e representações do morrer em graus menores e maiores vivenciadas por uma dada sociedade. As imagens que se faziam da mesma traduziam

as concepções de uma época acostumada com a frequência e a concretização da certeza de morrer. Conforme sendo,

*A partir do século XIX, as imagens da morte são cada vez mais raras, desaparecendo completamente no decorrer do século XX; o silêncio que, a partir de então, se estende sobre a morte significa que esta rompeu seus grilhões e se tornou uma força selvagem e incompreensível. (ARIÈS, 2003, p.159).*

Nestas proporções, se nota um silenciamento das representações da morte e dos rituais fúnebres de passagens por esta, ao longo dos últimos séculos, fugindo parcialmente dos comandos da Igreja católica, por exemplo. Entretanto, nas sociedades contemporâneas, se observa o “nascimento” de uma morte mais livre, em termos de uma ritualística obrigatória instituída por determinadas manifestações religiosas, e que passa a interessar, por causa de seus contornos diversos, os âmbitos culturais e sociais e a relação com o outro.

### **Preparativas para uma “Boa Morte”**

No processo de cuidado com a morte e o morto, alguns rituais são devidamente desenvolvidos para que o falecido tenha uma passagem entre a vida e a morte segura. Portanto, mediante a hora da morte, condizem aos parentes próximos as responsabilidades de cumprimento das práticas de início e finalização do funeral.

Para João José Reis (1991) haveria dois ritos importantes para desempenhar as formas de bem morrer: o rito de separação e o rito de incorporação. Segundo ele:

*São exemplos de ritos de separação a lavagem e o transporte do cadáver, a queima de objetos pessoais do morto, cerimônias de purificação, de sepultamento, rituais periódicos de expulsão do espírito do morto da casa, da vila, enfim, do meio dos vivos, o luto e tabus em geral. Ritos de incorporação seriam aqueles dirigidos a propiciar a reunião do morto com aqueles que seguiram antes, como, por exemplo, a comida servida para a sua viagem, a extrema-unção, o próprio enterro do*

*cadáver. Os ritos de separação e incorporação frequentemente se superpõem e até se confundem. (REIS, 1991, p.89).*

Sendo assim, entre muitos corpos sociais a realização dos fundamentos ritualísticos relacionados ao funeral foi indispensável. Pois, com a concretização de tais costumes, se acredita manter um equilíbrio entre o mundo dos vivos e dos mortos, já que se entendia a morte como uma ruptura ou transição.

Estes cultos talvez tenha se desenvolvido com mais intensidade e transparência no catolicismo popular pela existência de elementos pagãos, por exemplo, ainda predominantes entre os seus praticantes.

A morte deveria ser acompanhada como uma ação coletiva, visto que a solidão e a privacidade do morrer não seriam atitudes desejáveis diante das práticas e ideias dos rituais fúnebres necessários, na medida em que se entende a morte e os seus processos relacionados a mesma como manifestações socioculturais, podendo estar delimitadas entre as territorialidades do público e do privado.

Quanto mais choros e pessoas acompanhando aquela perda, mais tempo as circunstâncias do ocorrido permaneceriam na lembrança daqueles que assistiram e vivenciavam a morte do outro. Vale salientar que “As cerimônias e a simbologia que envolviam a morte eram produzidas para promover uma boa viagem para o outro mundo, cujas distâncias deste era consideravelmente menor do que hoje”. (REIS, 1997, p.96).

A mesma disposição a uma morte anunciada, como bem esclarece José Reis no livro *A Morte é uma Festa*, em uma releitura de Ariès, parece ter sido algo desejado por muitos durante anos e até entre os mais recentes. A mesma devia-se comunicar a sua chegada próxima ao indivíduo por intermédio de uma doença, sonhos, aparições ou quaisquer outras manifestações que levasse a uma certeza convicta do morrer.

Os preparativos para a boa morte também poderiam ser antecipados em vida a partir das ordenações econômicas simbolizadas nos testamentos; acordos familiares em relação às resoluções de problemas e intrigas de ordem pessoal correspondente a uma série de fatores, dentre eles econômicos ou amorosos; as práticas de caridade para assegurar o livramento da

condenação ao inferno, segundo a crença do indivíduo, vista também como uma reparação moral dos erros cometidos a partir dos princípios de moralidade cometidos por uma determinada sociedade e o cumprimento de certos sacramentos em vida e no preparo da morte.

Entretanto, hoje se nota em menor frequência coletiva para a realização de tais práticas cotidianas diante dos ritos do morrer, mas percebe-se que ainda prevalece um interesse em fazer do velório de uma pessoa importante para aquele corpo social um acontecimento marcante e, talvez, inesquecível na medida em que as próximas gerações tomem conhecimento de tal indivíduo e seu funeral.

Na perspectiva da realização dos ritos fúnebres domésticos, de acordo com João J. Reis (1997, p.116),

*Na época da Cemiterada, a roupa fúnebre mais utilizada eram as mortalhas de vários tipos. Os que testavam deixavam instruções sobre como desejavam vestir-se para o funeral. (...) A maioria das pessoas que escolhia a própria mortalha deixava que parentes ou executores testamentários cuidassem de comprá-la ou mandar fazê-la.*

Assim, não diferentes das práticas anteriores, a escolha da roupa mortuária não deixou de ser uma prerrogativa indispensável nas decisões tomadas em vida. Porém, observa-se que não se assume como uma exigência mediante o processo fúnebre. Compreende-se também que ao longo dos séculos a morte e as formas de morrer vem se ressignificando nos espaços distintos formados por (des)crenças e se distanciando de um conjunto de valores morais, religiosos e econômicos pensados anteriormente como essenciais na relação vida e morte.

## **Os Espaços dos Mortos entre Vivos**

O culto moderno à morte possui relações com outras práticas e momentos distintos aos nossos. Conforme Ariès (2003, p.216), “O culto moderno dos mortos é um culto da lembrança ligada ao corpo, à aparência corporal”. Logo, os monumentos celebrativos da morte ganharam

interpretações diversas sobre as suas importâncias e os lugares que ocuparam e continuam a ocupar na construção de memórias coletivas ou individuais de sujeitos envolvidos com as circunstâncias da morte de si ou do outro.

Outro procedimento relacionado à morte são as práticas de enterramento dos corpos. Não se poderia enterrar em qualquer lugar, havia-se a necessidade de encontrar um lugar destinado aos mortos, local este que estivesse distante dos vivos e próximo de Deus(es). Em algum momento, “(...) cada vez mais as igrejas foram sendo utilizadas como cemitérios, criando-se uma representação de sociedade”. (PETRUSKI, 2006, p.98). Portanto, constituiu-se uma representação social na qual a igreja católica assumiu o papel de guardião dos vivos e dos corpos mortos.

O desligamento da prática de sepultamento de corpos mortos nas Igrejas Católicas se deu, em muitas capitais do Brasil mediante discursos higienistas norteados por médicos e pelo governo com a finalidade de obter, dentre outras coisas, o controle social, urbanístico e sanitário experimentado por alguns sujeitos.

Como se observa, nas palavras de Reis (1991), esse rompimento foi objeto de resistência entre ricos e populares, ainda mais entre populares religiosos, pois havia uma série de funções simbólicas cercando os enterramentos. Sobre os sepultamentos nas igrejas, pode-se dizer que:

*Essa prática de enterrar em solo sagrado foi se ampliando ao longo do medievo e muitos cemitérios em espaços abertos foram sendo deixados de lado, passando a localizarem-se próximos às igrejas. Todavia nem todas as pessoas poderiam ter seus corpos depositados nesses locais, reservados aos mais abastados como também a aqueles que possuíam influência na sociedade local. (PETRUSKI, 2006, p.97).*

Sendo assim, a ideia de sepultamento nos territórios do sagrado se fundamentou na crença da reencarnação. Desta maneira, pretendia-se não romper propriamente dito com a vida, uma vez que vivos e mortos continuavam a transitar em um mesmo lugar.

Com os sepultamentos em cemitérios públicos, passou-se a ter um maior controle sobre o destino dos corpos, ao ponto de determinar a construção de divisões, identificar as sepulturas e delimitar fronteiras entre a monumentalização da morte e a permanência da vida.



Por isso que “O cemitério é o inverso da cidade, é o signo da solidariedade dos vivos”. (ARIÈS,2003,p.214).

Diante disso, os espaços dos mortos entre os vivos, ou vice-versa, foram se redefinindo e se enquadrando nos novos parâmetros sanitários das cidades. Tornar-se interessante pensarmos os cemitérios, enquanto expressões provenientes dos usos coletivos para a morte, porque entendemos estes lugares não só como símbolos de um silêncio marcado pela finitude humana comprovadas mediante a incapacidade do ser humano em atingir a imortalidade da matéria, mas também como lugares de representações oriundas das múltiplas concepções que os sujeitos desenvolvem e anunciam por meio das construções de túmulos, cruz e estátuas ou pelas vias da imaginação na possibilidade de refletir sobre o além-túmulo.

### **Das C+R+U+Z+E+S e das Igrejinhas nas Estradas da Morte**

Pelas estradas do interior, as cruzes e igrejinhas chamam atenção do transeunte pelo silêncio de histórias tristes que elas acobertam, principalmente. Essas construções, na maioria dos casos, simbolizam o óbito, a morte de pessoas envolvidas em acidentes ou assassinatos, como também podem representar lugares de peregrinação da fé, memória, e histórias tenebrosas, cobrando de quem passa rezas, sinais da cruz, flores ou terços.

Mais uma vez, a morte edifica a sua presença para além dos limites impostos pelos sistemas de controle social e estas construções se prontificam como rituais de passagens do morto realizado pela família da vítima. De fato, o que sabemos é que se trata de mortes inesperadas, marcadas pela surpresa de uma perda repentina e que exige da família a tarefa de fazer resistir, entre os indiferentes passantes, a lembrança do último momento em vida daquela pessoa.

Caminhoneiros e viajantes se deparam com construções simbólicas da morte pelas estradas do interior, imbuídas por sentimentos ocultos reproduzido na perda e nas memórias deixadas por quem concretizou a finitude inesperada de si. Nas considerações de Reis (1991)

*Essas cruzeiras, que ainda continuam a ser erguidas em nossas estradas do interior, serviam também para marcar o lugar onde alguém havia morrido tragicamente, vítima de acidente ou assassinato, por exemplo, e lembravam a quem passasse a obrigação de rezar pela alma do infeliz. (...) para salvá-las faziam-se necessárias muitas rezas. (REIS, 1992, p.98).*

A prática comum de fincar cruz ou construir com tijolos ou outros materiais as igrejinhas, em nome da memória do morto, são situações provenientes de atitude sociais frequentes em um determinado corpo social, delimitado por ritmos e concepções religiosas semelhantes, já que mulheres, homens, crianças e idosos passam a conviver com estes lugares estranhos, entretanto cientes da possibilidade de (des)conhecer as origens e os motivos das práticas realizadas entre os seus pares.

Nas estradas da morte, indicadas pela existência de cruzeiras e igrejinhas, estão contidas os sinais de perigo constante ao ser humano, sinais esses que anunciam a vida de maneira tênue, curta para alguns, e imprevisível a todos. Logo, estas manifestações do social e da memória de cada um contêm códigos e valores passíveis de leituras historiográficas à medida que o historiador caminha pelos territórios da religiosidade, dos sentimentos, dentre outros aspectos.

Em contrapartida, as mesmas expressões são indecifráveis, quando a subjetividade e as questões para além do observável, como a ideia de causa do efeito da reza ou o ato de jogar uma pedra na cruz gera no destino da alma do morto, não alcançam as nossas possibilidades de estudo.

### **Os olhares na (in)visibilidade da Morte nas Estradas**

Aos olhos de quem passa a certa velocidade pelas estradas federais ou estaduais do país, pode ser comum o hábito de se deparar com as insígnias da morte e, em mesmas instâncias, desconhecê-las. O que são aquelas cruz e “casinhas”? O que representam e quem fez? Talvez estas sejam uma das inquietações mais comuns entre os viajantes que não ignoram a existência das representações de luto nas estradas movimentadas ou desertas.

Estes mesmos sujeitos podem encarar com surpresa estas manifestações religiosas e afetivas, quando de uso dos comentários em blogs, escreveram:

*Quando fui a primeira vez na Paraíba e cruzei de bugre com um amigo a estrada que vai de João Pessoa a Campina Grande a fim de passar o maravilhoso São João (o maior do mundo), vi umas cruzeiras em casinhas minúsculas na beira da estrada, a partir da terceira, a curiosidade aguçou: o que seria aquilo? ele prontamente me respondeu: “são as Cruzeiras de Estrada, pequenas homenagens dos familiares ou amigos e representam as pessoas que naquele local morreram em acidentes ou assassinadas”.(DUARTE, 2011).*

Outros ficam apavorados com os números significativos encontrados durante os curtos percursos e já entendem que a expressiva quantidade pode ser sinônima de perigo da estrada em virtude das difíceis condições de acesso. Estas construções podem estar isoladas ao ponto de passarem despercebidas ou erguidas próximo de casas, estreitando os laços de convívio entre a lembrança do morto e a vida de quem vivenciou o momento do acidente, se for o caso, proporcionando o zelo para com a cruz ou capelinhas.

Em outro blog, as pessoas comentaram:

*Ninguém fala mas elas estão ali e todo mundo vê. Na minha infância viajei muito com minha família, de ônibus de carro de dia de noite, e não sempre perguntava o que eram aquelas cruzeiras na beira da pista. Perguntava insistentemente quem colocava aquilo ali e o motivo. Meu pai, quando a paciência deixava, me explicava que eram de pessoas que morriam na beira da pista de acidente. (BALDINO, 2012).*

Nessas estratégias de visibilidade da morte repentina nas estradas, as cruzeiras e igrejinhas se edificam como elementos de resistência simbólica principalmente no interior, causando reflexões, comoções, interesse pelas causas e identificação das vítimas.

Outras compreensões se fazem sobre estes lugares. Hoje, não é comum o sepultamento dos corpos nestes locais como parte de um processo de rituais de passagem, entretanto podem acontecer exceções por diferentes casualidades. Baldino (2012) teceu um comentário referente às ideias de sepultamentos nestes lugares, quando:

*Hoje, acredito eu, já diminuí a quantidade de pessoas que ainda são enterradas a beira da estrada, mas isso ainda acontece. Quem coloca um amigo ou familiar na beira da pista em muitos casos sabe que nunca mais voltará lá para oferecer uma intenção ou pedir a seu Deus (ou Deuses) por aquela pessoa, então eles esperam que com aquelas cruzeiras amostra os viajantes também se compadeçam. É por isso*

*que muitas pessoas velhas sempre se benzem ao passar pelas pistas, ou simplesmente fingem que não as vêem para não ter que prestar homenagens.*

Algumas pessoas acabam entendendo que as cruzes e igrejinhas correspondem muito mais a função de alerta nas estradas por serem, segundo o entendimento de uns, uma sinalização não oficial de advertência.

*Assim, as cruzes dos caminhos, descendentes diretas das capelinhas, tem uma função conscientizadora tão importante quanto as próprias placas de sinalização nas rodovias, com a relevante vantagem de que são elas a manifestação viva do folclore no acenando e advertindo em nossas passagens pelos caminhos da vida. Em se falando rodovias perigosas, o surgimento de uma simples cruz de madeira na beira da estrada não raro procede a de uma placa de sinalização. (...) é necessário que várias pessoas percam a vida num determinado local para que as autoridades se deem conta enfim de que ali é “trecho perigoso” de estrada e urge que nele se coloque sinalizações oficiais de advertência. (DALTRO, 2014)*

Sendo assim, perceber estas construções nas estradas às vezes não é fácil. Muitas podem estar cobertas por vegetação ou muito deterioradas em decorrência das ações do tempo, desprezo e vandalismos. De fato, são objetos passíveis de leituras culturais e sociais presentes em práticas de corpo social interessante as realizações de estudos, pois as cruzes e igrejinhas ou capelinhas estão imbuídas de simbolismos, aspectos religiosos e fatores socioeconômicos muito presente no cotidiano das pessoas.

### **De Pau e Pedra: velas, flores e rezas**

De quê são erguidas e por que estão ali? Como símbolos de uma perda, constituição de memórias, práticas de um ritual de passagem, elementos de resistência. A estrutura dessas construções é comum, pois as cruzes assumem a forma propriamente dito de cruz, tal como conhecemos, com as quatro extremidades, uma delas fincada ao chão ou apoiada sob uma base erguida por blocos de argila e cimento. As cores variam muito, pode ser branca, rosa, azul, marrom e até sem pintura.

Os materiais mais observados para a construção das cruzes é a madeira (específica) e o uso de ferro. Nela, geralmente, está contido o nome da pessoa, a data de nascimento, a data de

falecimento e algumas frases reflexivas, por exemplo: descansa em paz, deus é fiel, podendo até explicar por meio da escrita o motivo da morte: “aqui foi assassinado um cristão”, etc. O hábito de enfeitar com flores, grinaldas e terço também pode ser observado nas cruzes e capelinhas de interior, principalmente no dia de finados. Mas esta ação não é praticada de forma padronizada.

Já nas capelinhas ou igrejinhas assume, em muitos exemplos, uma delimitação de espaço maior. Tem uma certa aparência de casa, pode apresentar portas de ferro e na parte interior conter imagens e esculturas de santos católicos, terços, velas, flores pertencem da vítima. Na mesma instância, podem ser coloridas ou brancas. Se forem construídas próximos de casas, elas também podem acabar invadindo o território do outro.

As situações estruturais da cruz e da igrejinha também permitem definir a condição econômica e social que aquele morto tinha em vida. Em ambas as formas de monumentalização da morte, a prática da reza nestes locais é uma ação muito comum entre aqueles que acreditam, pois se perpetua a ideia de que a alma continua vagando e assombrar os viajantes e caminhoneiros se não conseguirem o descanso eterno.

*São geralmente a essas cruzes de curvas e serras que histórias de "trancoso" são atreladas. Sempre adorei essas histórias, de ouvir pessoas contando como foram salvas de acidentes por espíritos bondosos que pediam carona nas estradas e que alertavam de perigos na pista. Ou de almas ressentidas que queriam levar mais pessoas para sua situação, aparecendo de repente no meio da viagem para assustar motoristas e causar acidentes. As estradas do sertão são cheias dessas histórias, que acabam muitas vezes com os motoristas e passageiros contemplando essas cruzes e deduzindo que o corpo daquela assombração descansa ali, ou com algum morador das redondezas ou funcionário de um posto explicando que aquela aparição é constante por aquelas bandas e contando sua história. (BALBINO, 2012).*

Logo, estes lugares, para quem acredita, podem ser mal assombrados por diversos motivos, dentre eles: porque a família da vítima não construiu o lugar de memória e nem puseram a cruz, porque a morte se deu de maneira muito trágica e possivelmente envolveu muitas vítimas, por o lugar ser totalmente abandonado, etc.

### **Considerações Finais**

Concluimos com o intuito de que as cruzes e igrejinhas (capelinhas) dizem muito sobre as crenças e costumes populares de um povo. Estas monumentalizações da morte, firmadas sobre aspectos da perda e como parte integrante dos rituais de passagem entre a vida e a morte, são signos expressivos de uma prática ainda viva e resistente, no que diz respeito às maneiras de compreender e conviver com a morte, principalmente no interior do país.

Com o passar dos tempos, as diferentes sociedades modificaram ou resignificaram profundamente as suas práticas cotidianas a partir de suas múltiplas concepções de vida e do morrer, pois entendemos, por intermédio dos princípios ocidentais e desde os anos iniciais de nossa existência, que estamos condenados a morte e muito possivelmente a putrefação da matéria orgânica de nossos corpos, pois observamos que a crença na possibilidade de vida após a morte não acompanham uma opinião coletiva em nossa sociedade.

As cruzes e igrejinhas erguidas às margens de estradas são exemplos de uma tradição religiosa habitualmente vivenciada e experimentada ainda por muitas pessoas. Elas continuam a existir em diferentes localidades, apesar de ser comum o fato de estarem abandonadas ou identificadas pelas ruínas encontradas nos caminhos. Entretanto, por mais que haja limitações, estes símbolos não perderam seus elementos místicos, os aspectos culturais e sociais percebidos, além de exercerem a função de sinalizadores de perigo nas estradas com trechos de difíceis acessos.

A escrita dos blogs, apesar das poucas questões elencadas, auxiliou a pensar o olhar do outro sobre as cruzes e igrejinhas de beira de estrada, por mais que em seu cotidiano não tenha relações tão próximas com as mesmas ou que seja algo tão comum ao ponto de não despertar surpresa. Os entendimentos sobre as representações da morte e do morrer, atrelados a estas construções, parecem também se perpetuar pelo o que as pessoas contam e as ideias acabam se propagando por conservas espontâneas.

Sendo assim, este trabalho teve um intuito breve de pensar os muitos lugares da morte nas estradas, não delimitando tempo e espaço ou metodologias mais rígidas de pesquisa, mas pretendeu

pensar estas cruzes como símbolos da religiosidade católica popular imbuída por características culturais e sociais correspondente a uma determinada sociedade e vivas em muitas particularidades como símbolos de resistência do tempo, do espaço, das ideologias e das (des)crenças.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BALDINO, Marcela. **Na beira da estrada havia uma cruz**. Recife, julho de 2012. Disponível em: <http://www.recifestranho.com>. Acesso em: 10 set. 2016.

CHIAVENTO, Júlio José. **A Morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: moderna, 1998. (coleção polêmica).

DALTRO, Newton. **Capelinhas de santa cruz de beira de estrada, uma tradição em extinção**. Março de 2014. Disponível em: <http://apologo11.blogspot.com.br>. Acesso em: 10 set. 2016.

DUARTE, Jefferson. **A cruz de beira de estrada: a eternização da perda**. Janeiro de 2011. Disponível em: <https://jeffcelophane.wordpress.com>. Acesso em: 10 set. 2016.

MEDEIROS, Márcia Maria de. Concepções historiográficas sobre a morte e o morrer: comparações entre a ars moriendi medieval e o mundo contemporâneo. Dossiê Religião e Religiosidade- **Outros tempos**. V 5, n 6. Disponível em: < [www.outrostempos.uema.br](http://www.outrostempos.uema.br) > Acesso em: 02 set. 2016.

PETRUSKI, Maura Regina. A cidade dos mortos no mundo dos vivos- os cemitérios. **Revista de história regional**. Disponível em: < [www.revistas2.uepg.br](http://www.revistas2.uepg.br) > Acesso em: 02 set. 2016.

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luis Felipe de. (org.) **História da Vida Privada no Brasil: Império**. São Paulo: Companhia das letras, 1997, v 2, p. 95-142.

\_\_\_\_\_ **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SOARES, Miguel Augusto Pinto. **Representação da Morte: Fotografias e Memória**. Porto Alegre-RS. Dissertação ( Mestrado em História) Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2007.

VOVELLE, Michael. A morte e o além-mundo na Provença segundo os altares dedicados às almas do purgatório (séculos XV-XX). In:\_\_\_ **Imagens e Imaginário na História**. São Paulo: Átila, 1997, p.44-85.